

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA  
PAULA BARATA DIAS  
Coordenação

# Fluir Perene

A cultura clássica  
em escritores portugueses  
contemporâneos



Coimbra • Imprensa da Universidade



MinervaCoimbra

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA  
António Barros

PAGINAÇÃO  
António Resende  
[Universidade de Coimbra]

EXECUÇÃO GRÁFICA  
G.C. – Gráfica de Coimbra, Lda.  
Rua do Progresso, 13 • Palheira – Assafarge  
Telef.: 239 802 450 – Fax: 239 802 459

ISBN  
972-8704-20-8

DEPÓSITO LEGAL  
211155/04

© ABRIL 2004, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

PAULA BARATA DIAS

COORDENAÇÃO

# Fluir Perene

A cultura clássica em  
escritores portugueses contemporâneos

## AUTORES

Fernando Pinto do Amaral

José Carlos Seabra Pereira

Maria Helena da Rocha Pereira

Ana Paula Arnaut

Luísa de Nazaré Ferreira

José Ribeiro Ferreira

Mário Garcia

Isabel Pires de Lima

Fernando Guimarães

Oswaldo Manuel Silvestre

Walter de Medeiros

Maria João Borges

Teresa Cristina Cerdeira da Silva



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2004



MinervaCoimbra



JOSÉ BLANC DE PORTUGAL:  
A «REALIDADE TOTAL» DA POESIA

Diz o autor que hoje homenageamos numa obra intitulada «Quaresma abreviada»: «a literária Inquisição bateu-me à porta / — Que de mim e de Poesia, Música e Ciência? / Não sei o que disse mas devia ser confuso...»<sup>(1)</sup>. Para fugir ao papel incómodo de «literária inquisição», ainda para mais em presença do autor, lembrarei alguns dos seus versos e observações críticas, num percurso e selecção mais impressivos do que propriamente norteados pelo rigor académico que porventura se esperaria. Começo por um verso de José Blanc de Portugal que me é particularmente caro, pela verdade que lembra e de que todos comungamos, sem que nos fosse possível formulá-la desta forma: «Ninguém lê nada em livros mas dentro de si»<sup>(2)</sup>. Orientações recentes (enfim... com algumas décadas) dos estudos literários fizeram-nos esquecer esta evidência luminosa.

Começemos por alguns dados biográficos e bibliográficos. Nascido a 8 de Março de 1914, é normalmente apresentado como poeta e crítico musical. Da importância da música dizem as suas páginas críticas e também muitos poemas: «Trazem-me o Schumann de há dois dias / após o chá fragante — de jasmim. / Vivo o piano, a voz diferente / vão-me enchendo de calor humano / e o som passa a sonho / em mim.»<sup>(3)</sup> Pelo seu verbo sabemos que a melodia e o hino que ela ergue «conseguiram que sofrendo me fosse libertando» — «só sofrendo compreenderemos / o que é a suprema

---

(\*) Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

(1) *Quaresma abreviada*, Black Son Editores, 1997, p. 23.

(2) *Enéadas. 9 Novenas*. Lx : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, p. 57.

(3) *Quaresma abreviada*, p. 22.

felicidade»<sup>(4)</sup>, num testemunho que poderemos alargar ao efeito e conhecimento que com a emoção estética coincidem — e que um hino, como uma paisagem, como um rosto, como um verso, nos podem ofertar.

Retomemos o fio dos dados biográficos. De profissão, José Blanc de Portugal é meteorologista — a formação científica não é estranha aos seus companheiros de geração e de aventuras literárias Ruy Cinatti, Tomaz Kim e Jorge de Sena, fundadores, como ele, dos *Cadernos de poesia*. Num artigo intitulado «Espaço e unidade», a propósito de satélites e de meteorologia, e do interesse desta no que afecta o homem, refere que «muitos filósofos pré-socráticos, antes de sequer ter sido proposto o título de filósofo, foram meteorologistas»<sup>(5)</sup> — lembrando o tempo, também evocado noutros ensaios e presente no seu universo poético, em que não havia diferença entre ciência e metafísica, sendo os pensadores orientados por uma apetência de «realidade total»<sup>(6)</sup> — expressão do autor que se aplica igualmente à apetência manifesta na poesia; apetência de verdade, da verdade sondada por filósofos gregos e cristãos (interlocutores desta poesia cultíssima), uma verdade que data do tempo em que metafísica e ciência se confundiam, e que a poesia perscruta e materializa em palavra alada, a oferecer a necessária catarse a quem a faz e a quem tem a graça de a receber.

Muito viajou (também no desempenho de várias funções, meteorológicas, culturais, diplomáticas) e mais traduziu. O critério de escolha das diversas traduções que executou (de romances, ensaios e poesia), bem como os prefácios que as acompanham, reflectem um pensamento orientado por uma opção religiosa. Católico poeta (para usar expressão da sensibilidade do seu companheiro Ruy Cinatti), o seu verbo caracteriza-se pelo *understatement* e pela ironia — assim se fazendo um apelo por vezes rondando a provocação ao leitor; sistematicamente solicitado a inteligir dialecticamente o pensamento do autor; imaginando e reflectindo num percurso em que o norteiam apenas a sua razão e a sua sensibilidade (dele, leitor). Assim o exige a prosa ensaística de José Blanc de Portugal, bem como a sua poesia. A dicção por vezes agreste, abrupta, inesperada, desconcertante, nunca solicita

---

(4) *Quaresma abreviada*, p. 25.

(5) *In Brotéria*, 1966.

(6) «Auto-poética (a pedido)», in *Odes pedestres*. Lisboa : Ulisseia, 1965, p. XXVI.

o favor dos leitores, antes lhes exige uma recepção que espelha a sua própria natureza, informada e desassombrada — até pelas variedades das referências culturais de que se constrói. As inquirições de Pitágoras e Plotino constituem matéria de poesia. O pensamento, norteado por um credo bem definido, resiste muito curiosamente ao fechamento das conclusões, numa atitude recorrente, a que subjaz a *vis* polémica, patente no título de um seu ensaio de 1960, *Anticrítico*. Não se trata de *pose* numa obra que comunica também pela *blague*, apostando-se no desassossego de um leitor que vê recair sobre si o olhar irónico como que o autor tudo avalia, inclusiva ou principalmente tudo o que a si diz respeito. Trata-se de uma opção que decorre de um compromisso moral — da inteligência com a verdade.

Tem publicado desde a década de 40 em variadíssimos periódicos. Destaque-se a sua participação nos *Cadernos de poesia*, iniciativa de importância decisiva para a poesia portuguesa. Conhece-se a proffícua vontade, comum a todos os fundadores dos *Cadernos*, de resgatar a poesia portuguesa das opções exclusivistas e antagónicas em que se digladiavam os que procuravam fazer cartilha do neo-realismo e das soluções presentistas. Lembrando que «a poesia é só uma, porque afinal não há outra», os *Cadernos* intervêm em nome da essência da poesia recusando o cerceamento de orientações ou o seu condicionamento a rumos que subalternizem a autonomia própria do estético. Num ensaio publicado nos *Cadernos*, José Blanc de Portugal alicerça a poesia na materialidade das palavras, até das sílabas, que articulam o verso, comportando a poesia «propriedades como harmonia, ritmo, sonoridade, fluência, melodia e finalmente criação — novidade»<sup>(7)</sup>. Isto é, ela exige uma técnica sem contudo nesta se esgotar. A expressão lírica deste autor entretetece-se do registo coloquial, da precisão e do inesperado das imagens, numa proposta que é comum aos fundadores dos revolucionários *Cadernos de poesia*. Desde o registo dramático do primeiro livro (*Parva naturalia*, Prémio Fernando Pessoa 1959), a contenção do discurso conjuga-se com uma deriva coloquial, modulando o fluir dum pensamento que se busca reconhecendo sempre em si o quinhão de aleatório, contingente e incerto que é a nossa herança. Essa nossa humana herança desenha-se a partir do sentimento reverente de Deus, a decidir do

---

(7) «Poeta e poesia. Um prólogo», in *Cadernos de Poesia*, fasc. 2, 1940, p. 35-40.

valor e sentido do verbo poético: «estes versos (...) que são livres já pois neles habita / A sombra da verdade que me basta / Gerado pela luz que não posso ver toda.»<sup>(8)</sup> Mas ela também pode medir-se numa ironia gentil, que dá a dimensão da nossa leveza, isto é, inconsequência, ou numa sua versão mais ferina, sempre magoada, em que a pontada acerba decorre da visão irrecusavelmente lúcida que nos espelha (Leia-se a «Canção da víbora sentimental», em *Odes pedestres*<sup>(9)</sup>). Tematicamente, a poesia de Blanc de Portugal é meditação sobre o seu tempo, o seu desconcerto que é de hoje e de sempre, feita anotação sobre a trivialidade do quotidiano, na linha de um T. S. Eliot, referência para todos os fundadores dos *Cadernos* (se não em concepções, pelo menos na tessitura do discurso poético). Sobretudo em alguns versos de *Parva Naturalia*, aflora a consideração dramática do sofrimento dos outros, traduzida em termos cristãos, próxima da consciência social do seu companheiro de geração Tomaz Kim («Torrentes de sangue se espelham sobre a terra / e o nosso sangue não floresce que não seja em sangue!»). O primeiro volume é ainda o registo enfático da meditação de um cristão sobre a condição do homem, filho do pecado e de Deus, no mundo que, espelhando-os a ambos, é espaço de redenção. Blanc de Portugal intelectualiza doutrina e experiência, sem com isso asfixiar uma intensa vibração emocional. A sua saudade de Deus, a quem em contrição pede: «Fazei-nos os santos que vos devemos», encontra comovidíssima expressão no lapidar verso «É grande a sede a água poucas»<sup>(10)</sup>. *O Espaço prometido*, de 1960, é expressão da sua entrega de poeta e homem à realidade do espírito e poética meditação sobre verdades e ensinamentos doutrinários abordados enquanto pedras angulares da condição humana; os versos, «estranhos / quando saem de mim sem que os domine», são dom de Deus e caminho para o seu entendimento, reflexo da pequenez de quem os faz e neles encontra a «Fortaleza» de que Deus lhe faz graça. O último poema do volume, «A comunicação dos santos», é notável pela integração da vocação litúrgica e do fluxo de um discurso sempre na linha das propostas poéticas mais inovadoras do nosso tempo. Prémio da imprensa,

---

<sup>(8)</sup> *O Espaço prometido*. Lisboa : Moraes Editores, 1960, p. 74.

<sup>(9)</sup> *Odes pedestres*, p. 39.

<sup>(10)</sup> *Parva Naturalia*. Lisboa : Ática, 1960, p. 92.



*Odes pedestres* é de 1965. São precedidas de *Auto-poética* e seguidas de *música Ficta* e *outros poemas*, recuperando o primeiro o credo duma «Poética abreviada, escrita para que conste», dos *Cadernos de Poesia*, insistindo na necessária consciência das propriedades verbais do discurso poético. Afira-se a sua lúcida ironia nas já citadas *Odes pedestres*, manancial de referências clássicas. Escolho o poema «Sem pressa», evocação de Penélope, a ofertar-nos o espelho distanciado que nos devolve, contidamente, a fragilidade ou impossibilidade do nosso viver inteiro, na concentração da esposa amantíssima de Odisseu sobre uma trama que compensa a sua entrega. É a vida que responde aos dedos «Sem pressa» de Penélope, em lição de esperança: «Penélope: / — Doze vezes doze... / Quatro vezes três... / Desfazendo agora / Logo recomeço. / Teias da vida adiada / São-me a possível vida. / Quatro mais três cores / A urdidura neutra / Música sem voz / Números calados / Cada instante é reencontro / não há saudade. / — Nós, os fios da vida, / Forçados nos dedos dela, seguimos / A sua vida, não as nossas / Ilegíveis. / Fala Penélope: / «Vida / Teia e urdidura vou cruzando... / Vós, seus fios da minha vida, / Gerais meus futuros filhos.» / Inertes nos seus dedos / Respondem a Penélope: «As nossas cores / São tua alegria.»<sup>(11)</sup>. Dois dos últimos livros, *Descompasso*, de 1986, e *Enéadas-nove novenas* (1989), diversificam tons e temas, registando a experiência do exuberante espaço brasileiro (exuberante na descoberta de paisagens, personagens e meditações e experimentações linguísticas), recuperando uma companhia constante desta obra, os Antigos, e confrontando-os com a moderna (a partir do sentido de «modernidade poética») revisitação dos seus conceitos e fórmulas. A pujança e imprevisibilidade da sua invenção verbal aproximam-no de práticas barrocas; a crítica coloca-o aliás, pela densidade conceptual da sua dicção, na tradição peninsular do lirismo especulativo. A sua poesia incorpora ritmos medievais, quinhentistas, seiscentistas, também os fraseados das poéticas da Antiguidade clássica, reactualiza filosofias, não é alheia a propostas ou sonhos da matemática e da física, numa perspectiva simultaneamente desenganada e lúdica.

No fundo, podemos talvez reconduzir as suas práticas poéticas à noção experimentalista de poesia, também dita como «alquimia do verbo» ou

---

<sup>(11)</sup> *Odes pedestres*, p. 51.

«cabala filológica»<sup>(12)</sup>. «A poesia é interpretação, e interpretação conhecimento. A Poesia fará dos leitores poetas, pois deles fará intérpretes.»<sup>(13)</sup>. A «ciência» ou verdade que os versos recolhem à maneira oracular são cifra a solicitar uma inteligência que não recusa, antes se acrescenta, dum imaginação que se descobre suporte do rigor do pensamento — leia-se a tradução dos «Versos de ouro» de Pitágoras e sobretudo o comentário a eles apenas<sup>(14)</sup>. A agudeza intelectual manifesta-se no pendor por vezes delirante — ou inspirado — do verbo, patenteando a exaltação de um espírito que se descobre *enthousiamos* no feliz consórcio do rigor e da invenção.

Toda a arte é didáctica; só a arte é didáctica. Blanc de Portugal certamente comunga desta crença de Sophia de Mello Breyner. Que nos ensina a poesia de José Blanc de Portugal, a cruzar com os variadíssimos ensaios que disseminou? A resposta terá de ser dada por cada leitor. Para terminar, proponho a intersecção de um fragmento crítico, útil lembrança: «ignoramos toda a simplicidade e, paradoxalmente, com ela se perde toda a possibilidade de profundidade real»<sup>(15)</sup>, e de um fragmento poético aforístico que se faz eco de clássicas sabedorias. Nele se exalta (ou pranteia — em poesia é muitas vezes o mesmo) uma liberdade total, utópica miragem em que desde sempre nos encontramos e nos perdemos: «Parecem livres as nuvens / mas o sol e o vento as dirigem / Livre é o homem que com /elas se parece / mas vagueia sem que / sinta precisar de saber / para onde vai, nem sequer / escravo da sua vontade»<sup>(16)</sup>.

---

(12) «Auto-poética», in *Op.cit.*, p. XIX.

(13) *Anti-crítico. Ensaios*. Lisboa : Ática, 1960 p. 34.

(14) *Versos de ouro que vulgarmente andam em nome de Pitágoras em vulgar traduzidos por J. B .P.*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.

(15) *Op. cit.*, p. 50.

(16) *Quaresma abreviada*, p. 8, 9.



